



G R E M I O P . S C H R A D E R

Arte Espiritual

A posição de todos nós, em face à época atual, não deverá ser a de fuga, não deverá ser a de um refúgio no individualismo egoísta, nem tão pouco deverá ser a da surdez ao tumulto e ao convulsivo movimento de uma civilização enferma.

Todas as atividades supremas do espírito perdem o seu significado: poesia, escultura, oratória, escritos, matemáticas não terão nenhum sentido se não forem postas a serviço do Bem comum, se não implicarem a possibilidade de serem devassados sérios problemas da sociedade, se não ajudarem a tornar transparentes as muralhas que se erguem em torno à vida.

Assim a intensidade do nosso mundo interior deverá extravasar-se e ser posta nos nossos livros, nos nossos quadros, nas nossas esculturas, nas nossas poesias, nos nossos cinemas e teatros, enfim nos nossos atos (acompanhada sempre do espiritismo que a atestará como boa).

Na feitura de uma obra, há que se volver para dentro de nós mesmos e acompanhar as flutuações e reações do nosso "eu", em face das emoções recebidas.

O materialismo poderá forçar os homens a sentirem e expressarem o contraste social tão somente, um contraste olhado pela superfície; daí a necessidade de um equilíbrio pelo espírito: Cada obra deveria ter uma expressão de impulso metafísico e ser baseada na juventude do espírito.

Para cada obra que chegarmos a operar, o nosso interior deverá antes ter sofrido uma pressão afim de libertar a "substratum" divino que nele está apreendido. Só então o nosso trabalho deixará de ter, ou melhor, se distanciará da velha noção de "arte pela arte" para se aproximar de uma noção nova — a arte pela psique.

Até hoje temos visto uma arte que no tocante à obrigação (se assim podemos dizer) do artista em

relação a época parece insólita e mesmo descabida (salvo exceções).

A arte pela psique ou arte de hoje deverá ser solicitada pelo aspecto material e espiritual dos problemas de reconstrução da sociedade.

Nela não deverá haver como que um debruçar-se sobre o mundo, sem dele participar e assim nessa posição permanecer num isolacionismo de espectador que assiste de fora ao drama da vida.

A arte pela psique deverá acompanhar o tempo, os seus característicos, precisará comunicar-se com as multidões, devendo para isso sair do seu retiro puramente egocêntrico, para ir-se comunicar aos corações e às sensibilidades de todos, indistintamente.

A arte de hoje deverá sentir a vida e deixar transparecer um sentimento de simpatia pelas coisas da

época, uma preocupação solidária da sorte do semelhante, o que deveria a ela um sentido de uma mensagem de fraternidade e de esperança ao mundo conturbado dos nossos dias.

Deverá oferecer ao público alma e coração, em vez de formalismos estéreis e hipócritas. Deverá deixar transparecer leis universais de justiça e de humanidade, de adesões entre a consciência e a vida.

Deixando as exterioridades e o fariseísmo mergulhará no profundo a procura de um valor real e significativo. Deverá querer dizer sempre: Paz e bem estar, irmãos!

A arte pela psique não deverá ser tão apenas o mundo da imitação de formas naturais do belo. Importância e valor maior é o de ser o mundo da solidariedade e do Amor, do qual o artista verdadeiro não

poderá deixar de participar, já que de uma ou de outra forma, ele há de ser sensível ao espetáculo do drama humano. — Deus já fez a natureza para o homem e Deus manda e não faz amar o próximo!

Além disso, a exatidão imitativa condiciona-se e tem necessidade de traços, riscas, talhes, som, luzes, etc. que exprimem exclusivamente o material não se deixando penetrar pelo espírito do artista que deverá tentar expressar a essência da realidade concreta do seu interior.

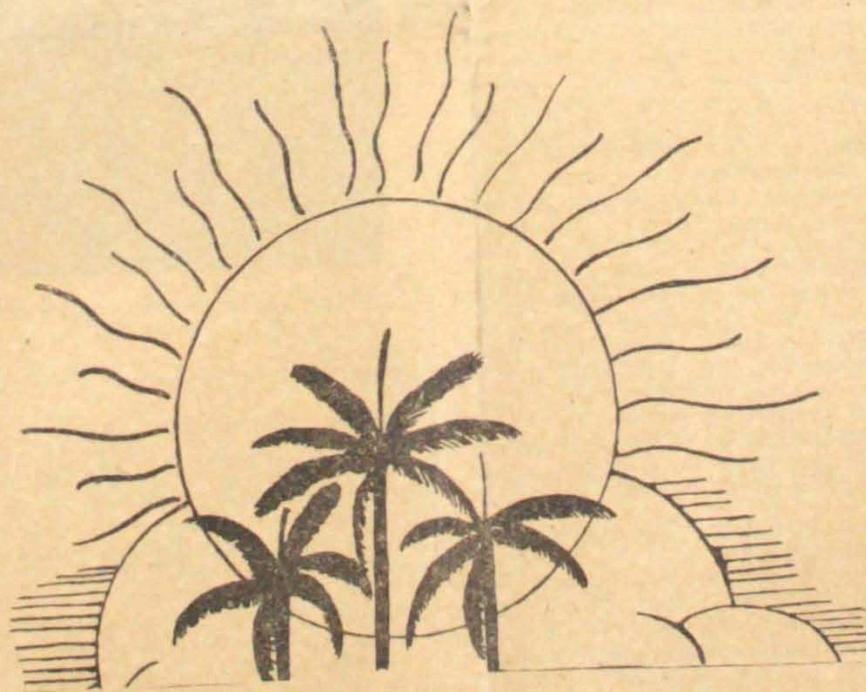
Numa arte puramente imitativa só lemos visões, aspectos e atitudes sem movimentos, sem vida; já na arte pela psique sob uma forma mais livre haverá visões, aspectos e atitudes em movimento, com vida. Em todo caso a arte pela psique deverá trazer sob a forma despreocupada a preocupação de uma mensagem de espiritualidades.

Na arte pela psique, o artista poderá ter diante de si um modelo material o espiritual, mas deverá operar com uma intenção, muitas vezes, diversa do que lhe é exposto, isto é deverá estar ligado também ao subjetivo.

A arte pela psique deverá ser transladação evocativa das impressões sofridas pelo artista. A sensibilidade do artista, por um processo de seleção transformará essas impressões em valores novos e ordenados segundo o plano da sua imaginação (não se aterá a regras fixas).

Em outras palavras, a arte pela psique será ativada e deverá estar em contacto com o objetivo. A realidade objetiva tocará a alma sem em contacto com o objetivo. A reações; as reações implicarão idéias, conceitos, atitudes que serão expressas pelo mesmo artista.

A arte pela psique deverá assim ser um meio termo, ou melhor, uma cadeia de ligação entre o subjetivo e o objetivo: Não exprimirá tão só a realidade ou os "sonhos"



GLÓRIA IN EXCELSIS DEO!

(Conclua na 2ª. página)

Quem não sabe ler e escrever:
Não pode compreender o que significa a liberdade.

A história o enterrou em vida

O homem que venceu Robespierre e Napoleão não é bem conhecido, porque seu nome foi pela história pôsto de lado silenciosamente. Entremos o assunto, para tal personagem conhecermos. É ele Joseph Fouché, perverso, mau, falso, dissimulado, incalculável, que escorregadio deslizou no seio dos acontecimentos, — no interior dos partidos políticos, disfarçado sob o véu anônimo de suas funções oficiais. Seu trabalho era o dos bastidores: a revolução francesa e os bastidores. Napoleão e os bastidores, os Cem Dias e os bastidores, até Luiz XVIII. A influência dos bastidores, a ganância dos bastidores. A política dos bastidores o notabilizou. Os fatos convencerão: Joseph Fouché, professorzinho eclesiástico em 1780; ladrão de igrejas em 1792; comunista no ano seguinte, logo em seguida multimilionário; Duque de Otranto após padecer fomes e vergonhas.

Após vinte anos de vida religiosas, Fouché ligou-se a Robespierre, deputado neste tempo; iniciou-se assim para a vida política. Com o advento da revolução, inicia-se de pronto na traição. É preciso subir com o partido vencedor embora como traidor. Esta a só cor que avista. Trai Robespierre, o amigo que o introduzira.

1792: é eleito deputado. Logo depois, o rei a quem pouco antes defendia, é deposto e votado à guilhotina por público e "inaudito" voto de Joseph, também entre os camalões.

O vencedor são os Jacobinos? Fouché os procura e apodera-se dos poderes eclesiásticos; e torna-se o maior terrorista.

Exemplo: faz um feixe de 70 jovens e queima-os. Assim, 1.600 vítimas por semana, metralhadas em Lyon.

Começa a fraquejar seu partido? vede lá! Quem aquela sombra que lá se esgueira? Quem lá vai, serpenteando em direção à sombra. Fouchet cala-se, Fouchet torna-se passivo. Dêmos tempo ao tempo, não se nos escapula este aliado. Aguardar a oportunidade. Tornou-se passivo? Por isto, Robespierre o afasta do encargo. Robespierre? Será por seu ex-amigo combatido nas sombras, o qual não descansará antes de o ver sobre a carroça que transporta pelas ruas os guilhotinados.

... O momento é incerto, impróprias as condições; qual partido vencerá? Sabei que, de momento, é na maior pobreza que oculto vive quem, noutro momento, acumpliciado a Barras, retirar-se-á da cumplicidade, não — desmascarado pela polícia mas feito Ministro da Polícia, em 1798. Estremece Paris, sabendo de tal. O "Metralhador de Lyon"! Mas Joseph bem sabe fazer a conquista de donzela Paris.

Vigia tudo, com tudo se ocupa, de todos querido; até mesmo tem Josefina Bonaparte, "a seu serviço". Ao vir Napoleão do Egito, Fouché se lhe adepta. Ajustada costura, visto que enfraquece o prestígio do Diretório, que nada aprova com decisão. Não se sabe se vencerá a democracia, se um golpe de força. Fouchet, o vigilante Ministro de Polícia de Paris, foco da nação, torna-se passivo. E torna-se satisfeito com a ditadura. Por desconfiança de um atentado, Napoleão o expulsa das Tuilherias. Fouché se comprova inocente; retorna com mais "cotação". Jogo duplo, triplo, quádruplo, quintuplo, sêxtuplo.

Napoleão também é genial. Disfarçadamente, enchendo-o de rios de ouro que ofusquem (torna-se o cidadão mais rico de França), os Bonapartes o fazem afastar ou "expulsar".

Qualidades, as suas, bem notó-

rias a Napoleão. O imperador, devendo partir às suas campanhas, chama-o novamente para ministro que recebe desta vez o título de Duque de Otranto.

Deposto por motivo de negociações secretas com a Inglaterra. Logo a seguir, abdicção de Napoleão. Aragem ainda não soprou suficiente a que Fouché "vira" para Luiz XVIII, e os Cem-Dias já vieram. Mais uma vez ministro hábil de polícia.

Waterloo. Mas também na derrota final ajusta-se a antítese vitoriosa da duplicidade. Fouché então tornou-se Chefe Absoluto de França. Com constatar que no pôsto não se poderá manter, já "vende" seu lugar a Luiz XVIII, em troca da pasta de ministro.

Só então Fouché perdeu ou perdeu-se.

Luiz XVIII bem sabe quem o culpado da morte de seu irmão Luiz XVI na guilhotina. Todos os nobres odeiam a este culpado. É banido, desprezado, expulso.

Mesmo fora já da pátria, os poderosos que se inclinavam diante dela no exagero externo dos receios internos, escarnecem-no estes poderosos.

Mas foi dito que morreu arrependido, recebendo a Extrema Unção.

Eis, pois, Joseph Fouché, o pouco mencionado na história, o raposismo genial, político da raça dos "sangues frios" ou dos camalões, o que não conhecia paixões brutais ou impulsivas; o que não jogava nem bebia, o que porém enganava os homens ao mais experimentado; o que engulia as injúrias mais grosseiras, o que sorria às humilhações mais revoltantes, para em seguida, na mesma frieza e impiedade glacialmente desumana, "carnear" os seus humilhadores e pisadores. Jamais se descontrolou, jamais deixou transparecer.

A aventura é o vício deste seco burocrata.

A intriga: vede sua paixão qual seja.

Sua reserva subtil, sua audácia sem caráter, sem coerência, sem princípios o deixa inteiramente livre e movido no movimento dos fatos. Os Girondinos caem; quem está seguro? O Diretório, o Consulado, o Império, a Realeza e o 2º Império desaparecem; quem foi visto, só ele, ficado de pé?

Traiu Condorcet, traiu Daunon, traiu Robespierre, traiu Carnaot, traiu La Fayette, traiu Barras; Napoleão por ele foi traído, ele traiu os primeiros e mais poderosos de seu tempo, por que para ele um só valor, se é vero valor, sempre contou como valor: vencer com o vencedor. Nunca na fila dos vencidos.

Mas qual seria o "prêmio" indigitado para este homem? Que mereceria o metralhador de Lyon que amarrou crucifixos e biblias em caudas de asnos; que "batizou" crianças em praças públicas, dizendo os nomes mais injuriosos derrubou igrejas; que fez dizer missas com busto de sanguinários nos altares; que distribuía hóstias aos animais? E por que tudo isto? Para satisfação tola de um populacho gritador? Ou para alcançar a "cotação" que faz subir?

... Quando na Câmara Francesa, a questão da volta dos proscritos é discutida, fala-se dele sem ódio nem interesse. Os três anos que passaram, desde que deixou a cena mundial, bastaram para fazer cair no esquecimento o grande ator, que brilhava em todos os papéis, e o silêncio se estende sobre ele como um catafalco de vidro. Já não existe para o mundo um Duque de Otranto; existe apenas um homem velho, cansado, descontente, solitário e estrangeiro, que percorre tristemente as ruas de Lins;

GRÊMIO P. SCHRADER ARTE ESPIRITUAL

(Continuação)

do artista, mas procurará corrigir e interpretar os males e os "mistérios", deste mundo.

Os exegetas da arte como imitação dirão que os que assim operarem renunciarão ao ideal do "belo" como base ou denominador comum da arte em si mesma.

Mas o ideal do belo é relativo. Que coisa mais linda do que amar o próximo?! Ainda mais: a maneira de ver o belo, de sentir e entender o belo, é que dá origem às múltiplas interpretações e à audácia de muitos em advogar para si o dom da verdadeira estética.

Para uma arte é apenas beleza, enquanto que para outros é "toda manifestação da inteligência criadora". Seja lá o que for; o certo é que a arte de hoje deverá aliar a estética essencial, expurgada de inúmeros detalhes, como Bem comum. Só um rigorismo é que poderá deturpar e falsear uma arte pela psique.

Longe o pensamento de que uma arte assim não há de deixar ver a realidade e as coisas da natureza; ela com os seus traços e característicos essenciais evocará sempre as árvores, rios, céus e terras, os rumores das folhas do bosque, as almas boas, a verdade e a justiça.

A arte pela psique não pretenderá traír a natureza nem desvirtuar o sentido das suas mensagens de beleza.

Resumindo e terminando, o **objeto da arte de hoje** ou arte pela psique deverá ser — o Bem comum; e se sentimentos e estados de nossa alma se recusarem a confessar-se, ficando mudos para os de fora, não de adquirir subitamente voz desde que sejam postos, em momentos precisos, à par de acontecimentos que atinjam a totalidade dos nossos irmãos, que atingem a **Espécie Humana**.

Ney Mund
3º Científico



Porque não há cada semana um tal passeio?

perdido lugarejo na Austria, onde reina o tédio. Aqui, ali, um fornecedor, um negociante tira polidamente o chapéu ao ver passar este homem doentio e curvado que se sente feliz se qualquer funcionário com ele quizer conversar.

Fora disso, ninguém mais no mundo o conhece, ninguém mais nele pensa. A História — este advogado da Eternidade — vingou-se da maneira mais cruel desta homem, que nunca pensou senão no que é momentâneo: ela o enterrou ainda em vida.

(Dados da biografia de Stefan Zweig).

Florduardo Sena
4º gin.B

O COLEGIAL

Órgão dos alunos do Colégio
Catarinense

Sob a responsabilidade da Diretoria do Estabelecimento.

Diretor:
CID GOMES

Gerente:
ALFREDO ZIMMER

Redação: Colégio Catarinense

CLUBE PAN-AMERICANO "CO- LUMBO" DO INTERNATO

No dia 29 de novembro realizou-se a sessão de encerramento dos trabalhos do Clube Pan-Americano do Internato bem como do Grêmio Oratória "Vieira".

O aluno Aires Pereira fez uma bela conferência sobre as palmeiras, salientando a sua origem americana e sua utilidade múltipla, 999.

O secretário da entidade fez uma resenha sobre os trabalhos realizados no decurso do ano a saber: 13 sessões literárias; uma excursão; várias projeções. Tomaram parte nas sessões literárias mais de 70 alunos, na maioria bisonhos e noviços na arte de declamar e de discursar. Se o que fizemos fica comprimido entre os longos períodos de férias.

Desejamos aos Clube Colombo e Grêmio Vieira muitos anos de fecunda atividade.

O cronista

o	so	va
na!	Vi	zi
nho	nos	jor

O tipógrafo estava com uma frase formada. Vieram porém duas crianças e misturaram as palavras no jeito que aí estão.

Quem será capaz de reconstruí-la?

Com "L" sou barro.
Com "C" sou lugar de descanso.
Com "R" sou parte da árvore.
Com "G" sou letra grega.
Com "F" sou honra.
Sem nada me encarrego das crianças.

"LÍNGUA FRANCA"

Durante a idade Média na Europa a povoação flutuante dos diferentes portos do Mediterrâneo falava um idioma próprio, conhecido por "língua franca", que era uma mescla de italiana, espanhol, francês, grego e árabe.

"VISINHANÇA PERIGOSA"

Era, Osório, Ministro da Guerra, quando em certa tarde em seu gabinete, um colega seu, um tinteiro na mesa onde estavam os papéis e inutilizou-os quasi por completo. Osório aborreceu-se e retrucou: — Caramba camarada, não se pode acompanhar ao seu lado.

História das Coisas

VIII Reportagem de uma série

Chegamos ao término de mais um ano letivo. Mais uma etapa vencida por uns e perdida por outros.

Desejava falar, ou melhor escrever sobre mais invenções e descobertas, mas foi-se o tempo... Por conseguinte, neste mês figurarão alguns resumos de inventores, para ter-se uma idéia geral. Vamos, pois, ao primeiro, o engenheiro Alexandre Gustave Eiffel. Sua obra é mundialmente conhecida. Encontra-se em Paris. Sim... já imaginaram que é a torre Eiffel, não?

Eiffel, engenheiro francês nasceu em 1832 e faleceu em 1923. Especializou-se nas construções metálicas e aerodinâmicas, das quais foi um dos fundadores. Sua maior obra é a torre de seu nome. Construída em 1889, para as comemorações da Exposição Mundial, com seus 300 metros de altura e 9.000 toneladas, bateu por muito tempo o record de altura. Está instalada em seu cume uma estação radiofônica. A torre Eiffel, assim como todos os monumentos da França, esteve ameaçada nesta última guerra de ser desmontada para a fundição de armas para a Wehrmacht. Por sorte não foi violada e hoje continua em seu lugar para admiração dos turistas.

Mas vamos a outras obras de Eiffel.

Construiu a ponte de Maria Pia, no rio Douro em Portugal, a qual mede 190 metros de comprimento, a estação ferroviária de Budapeste e os pavilhões para a Exposição de Paris em 1878.

Outro benfeitor, da Química, mudando de assunto, foi Charles Frédéric Gerhardt. Nasceu em 1816 e faleceu em 1856. Era professor de química da universidade de Estrasburgo. Muito contribuiu para a teoria dos compostos químicos, junto com Laurent, um químico amigo íntimo dele.

Gerhardt foi o primeiro a estabelecer os conceitos dos pesos atômicos e moleculares, que foram tão estudados pela turma do primeiro científico neste ano. Creou a "teoria dos tipos", precursora da teoria das valências e descobriu os anidridos de ácidos orgânicos.

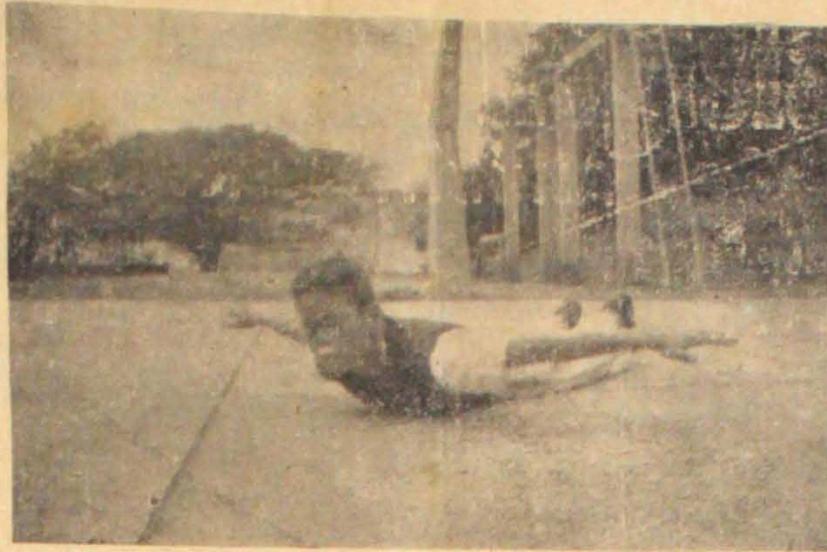
A terceira "coisa", de hoje, é muito discutida quanto à identificação do seu inventor. Ingleses, franceses e alemães pugnam no O certo é que não teve um inventor direto. Apareceu na Alemanha e França lá por 1818. Um tal Sidrac, francês, que diz-se o inventor, fabricou uma. Era uma máquina de duas rodas, na qual o ciclista tinha que fazer impulso com os pés no chão e equilibrar-se. Andava em uma só direção, isto é, não tinha mobilidade na roda dianteira, nem para a esquerda, nem para a direita. Draís, na Alemanha, inventou para tal o guidon.

Em 1855, novamente um francês, Ernest Michaux, meteu-se no negócio. Construiu o biciclo, no qual a roda dianteira era enorme, em comparação com a trazeira. Nela havia um par de pedais. Em 1880 apareceu na Inglaterra uma bicicleta mais ou menos parecida com as de hoje, desprovida de pneus, os quais foram introduzidos 19 anos mais tarde pelo veterinário Dunlop. Daí em diante, temos as bicicletas usadas hoje em dia.

Em quarto e último lugar, apresentemos o automóvel, veículo que tornou-se quase indispensável em meios de condução hodiernas.

Teve como a bicicleta, muitos aperfeiçoadores.

O automóvel foi fabricado pela primeira vez por um francês, Nicolas Argnot em 1769, com motor a vapor e munido só de três rodas. Desenvolvia a velocidade de 5 kms. por hora. Mais tarde, Murdoch e o nosso "conhecido" Watt construíram outro automóvel, seguindo os princípios de Argnot,



Mamãe! Assim foi quando fiz a minha aterrissagem forçada!

adotando, porém, a forma de um vagão. Todos pensavam ser possível construir veículos-automóveis só com motor "a vapor". Seguindo a norma de sempre, William Symington fabricou um, acionado por dois motores a vapor. Seguiu o Gurney que construiu também outro, alcançando a velocidade de 18 kms. por hora. Era um veículo com feições de um vagão ou ônibus, com capacidade para 15 pessoas. Isto em 1829. Sete anos mais tarde, leis conservativas britânicas rezavam que os veículos tinham velocidade de mais, sendo um perigo para os transeuntes. Prescreveu-se a velocidade máxima de 10 kms. por hora.

Isto ocasionava um grande retrocesso na indústria inglesa.

Como a lei restringia-se à Inglaterra, não molestou o trabalho de outros países. Na Alemanha Gottlieb Daimler idealizou um modelo: um automóvel com a combustão interna, de modo que aproveitasse mais a força expansiva do vapor.

Foi como que um novo impulso na florecente indústria. De 1890 em diante os mecânicos e inventores norte-americanos iniciaram os trabalhos. Charles Duryea, 4 anos depois apresentou um carro de dois cilindros. George Selden, Buick, Briscoe, Maxwell, Franklin, White e o conhecidíssimo Henry Ford, o seguiram.

Os carros até 1900 eram construídos de 1 cilindro e com rodas de madeira, movidas por correias.

Ford revolucionou a indústria automobilística da época, quando em 1893 saiu de sua oficina com seu primeiro carro à gasolina, que desenvolvia a velocidade de 30 kms. por hora.

Era um carro pequeno, com rodas e pneumáticos de bicicletas, e carroceria para duas pessoas.

Em 1903 apareceu com o "fordinho" de 4 cilindros que fez furor naquela época. Deste ano até 1910, foi o automóvel radicalmente transformado. Aperfeiçoaram-se os tipos, melhoraram-se os pormenores do motor e do sistema de transmissão.

Na guerra de 1914 a 1918, o esforço bélico exigiu mais aperfeiçoamentos que contribuíram para o conforto e facilidade no manejo dos carros. De 10 anos para cá as inovações no motor foram pequenas. Somente a apresentação e o freio do motor são mudados para dar mais boa impressão e estimular a renda.

Automóveis há que ainda são dia a dia melhorados. Temos hoje automóveis mais luxuosos que muita carruagem de triunfo dos antigos imperadores Romanos.

Termino por aqui, fazendo votos de boas festas, férias bem repousantes e que o ano vindouro não seja como o foi este; cheio de periclitacões, desconfianças e discórdias, esquecidos como estão os homens de que mal-emergimos de uma cruenta guerra e cogitando

uma terceira. 1948 de paz, como o presépio de Natal.

José Antônio de Sousa Neto
1º Científico

BEMAVENTURADA MARIA GORETTI

Acaba de sair do prelo a vida de uma menina de 11 anos e 8 meses, de Maria Goretti.

Mais bela de corpo que Santa Inês e tão pura como um anjo!... Preferiu os 14 golpes do punhal a manchar sua pureza... a perder sua inocente virgindade!...

"Alexandre, deixa! Não faças isso! É pecado, Deus não o quer! Vais ao inferno!" Assim gemia, sendo apunhalada pelo tentador.

A mãe assistiu a glorificação de sua filha, elevada aos altares pelo Papa Pio XII em Maio deste ano.

O mundo venera a nova Bema-venturada: são meninas e são jovens, são velhos e são donzelas que olham para a heróica menina e dela se entusiasma um ideal de pureza sadia! de pureza forte e masculina!

Escrita pelo P. Alvino Bertholdo Braun e editada pela redação de "O Apóstolo" está à venda na Secretaria do Colégio Catarinense (Cr\$ 2,00).

VIDA

Nasceu num dia, escuro porque não havia raios solares.

O seu semblante periférico, o seu olhar esquivo lhe dava certa característica

de anormal. Apanhou chuva de grosso,

mas viveu, porque ele nasceu numa pequena cabana embora forrada.

Viveu algum tempo, não muito para conhecer o que é a vida.

A sua feição mudou, os ossos apareceram a flor da terra, os olhos azues

relampejaram do infindo.

O seu pensamento vagou pelo espaço em busca de um abrigo; não o encontrou.

A expressão de morte que exalou no seu último momento, permaneceu junto

a sua terra, velando por algo que

desconhecia. Nada por ali passava,

nem a brisa maravilhosa da natureza.

Ele permaneceu ali tempos,

talvez ainda o encontres.

"Procura conhecer a vida,

Porque não sabes a tua hora".

ROBERTO



Écos do passeio a Canasvieiras

E' fácil e rápida a aprendizagem da leitura!

Indique aos analfabetos, que conheça, uma das classes de ensino supletivo.

A História que o Dinheiro me contou...

A nossa vida deveria ter uma série infinita de gráficos, com seus altos e baixos e, em meio a estes inúmeros gráficos, um que demonstrasse quotidianamente a nossa verdadeira situação financeira. Seria interessante verificarmos o desequilíbrio constante entre o muito, o bastante, o pouco e o nada.

Foi justamente quando a linha de meu gráfico financeiro atingiu ao muito, que comecei a me tornar um inveterado amigo da roleta. Lembro-me ainda da minha primeira noite de jogo. Foi no cassino de Icarai, em Niterói, naquele tempo em que ainda não vigorava o decreto que extinguiu o jogo no território nacional. Olhando para o pano verde com um certo acanhamento, comprei dez fichas de Cr\$ 100,00 e em dez minutos as dez fichas fugiram de minhas mãos. Na noite seguinte, no mesmo local e no mesmo número, atirei vinte fichas de Cr\$ 100,00. Minhas pernas tremeram quando a roleta començou a girar.

— Façam jogo! Jogo e mais jogo!... Feito! Vermelho 23!

Abracei com a língua de fora o monte de fichas que acabara de receber e fui ligeiro ao guichê, trocá-las em dinheiro.

Desta maneira, ganhando e perdendo, passou-se um ano. — É verdade... um ano! — Estava rico, estava milionário, mas tinha certeza de que o meu dia estava próximo. Todo o jogador tem seu dia e este dia é justamente a noite em que o milionário passa a ser mendigo.

Chovia aos borbórios. No meu apartamento, em Copacabana, minha mulher escovava o smoking enquanto eu engulia apressadamente o jantar.

— Carlos, você vai hoje?

— Que pergunta?!... Se vou todos os dias, por que não irei hoje?

— É que eu tenho um pressentimento de que você...

— Pressentimento... pressentimento... se eu fosse atrás de meus pressentimentos, nunca teria comprado uma ficha sequer.

— Vai ao Icarai?

Nada respondi. Mais tarde tomei o carro e atormentado com a frase de minha mulher, "é que eu tenho um pressentimento hoje..." dirigi-me para Niterói.

A minha desgraça começou lá pelas duas da madrugada.

— Façam o jogo senhores... Jogo e mais jogo... Feito! Vermelho 32!

— Não faz mal, resmunguei tonto de emoção, perdi bastante desta vez mas duplicarei a dose.

— Façam o jogo senhores... Jogo e mais jogo... Feito! Preto 16!

Mordi os lábios. Estava branco, molhado de suor. Arranquei do bolso o talão de cheques e assinei o resto de minha fortuna.

— Façam o jogo senhores... Jogo e mais jogo... Feito! Vermelho 32!

Dei um formidável murro no pano verde. A explosão fez-se sentir.

— Ladrões! Eu quero meu dinheiro! Eu quero...

— Calma, senhor, não teve sorte agora, terá outra vez...

— Eu quero meu dinheiro, seu canalha!

Senti-me agarrado. Quiz reagir mas não foi possível. Atiraram-me

na rua. — Maldita noite! Maldito jogo! Maldito 32!

A chuva passara. O frio daquela madrugada parecia incentivar o meu desespero ao invés de acalmá-lo. Arrastando os pés, talvez com o peso do desânimo, deixei que o destino me levasse. Deus sabe onde... — "Fui um escravo de meus próprios vícios. Troquei a felicidade pelo vacilante destino de uma roleta... pela esperança fantasiada de um pano verde..." Percebi que passava por uma ponte. A escuridão do céu ia aos poucos tornando uma cor cinzenta, como que anunciado o despontar de um novo dia. — Sim, uma ponte..." E de súbito me veio a tremenda decisão. — "É verdade... uma ponte..." O meu desespero chegara ao auge.

Havia chovido muito na noite anterior. O nível d'água ultrapasara o normal, formando grandes redemoinhos. — "Perdi a fortuna na roleta dos cassinos. Porque não atirar este corpo na roleta da vida?"

Olhei novamente e encarei o redemoinho! uma roleta que girava loucamente, a me chamar... a me chamar...

— Façam o jogo... jogo e mais jogo... — Preparei-me para saltar. Eis que inesperadamente ouço uma voz estranha e misteriosa partindo não de um ente humano mas de um fantasma.

O susto fora tremendo. — "Quem teria falado neste momento? Não vejo uma alma viva sequer?!"

— Fui eu que falei!...

— Do paletó? ... Não, não é possível!

Verifiquei cuidadosamente, até que num dos bolsos meus dedos tocaram subitamente num papel liso... — "Sim, liso... será que? Uma nota! Uma nota de vinte cruzeiros!"

Fiquei hirto...

— Sou eu, este nojento retalho de papel quem está falando. Quer saber de uma coisa? Este também era o meu gesto!

Maquinalmente perguntei.

— Qual gesto?

— O suicídio!

— Seremos dois portanto...

— Não. Não quero mais. Não temos nenhum direito sobre nossa vida. É um pecado contra Deus, contra a Pátria, contra nós mesmo e contra a humanidade. É uma covardia.

Boas Festas de Natal e de Ano Novo

Boas Férias

— Mas... por que queria suicidar-se?

— Por que? Porque só conheço a felicidade de nome. A minha vida é uma triste história. É a triste história do prisioneiro n. 063052. Tinha a esperança de entrar na carteira de um homem que, como você, detestasse a vida.

— E agora?

— Agora a realidade é fria demais. Não. Prefiro a vida tal como se me apresenta. Na realidade, a felicidade consiste mais em proporcionar aos outros certos encantamentos do que exigir que ela nos surja sem esforços...

Ah! Lembro-me ainda quando eu era só papel... não sabia ainda o que haveria de ser na vida. Infelizmente, o meu destino não dependia de mim, mas sim das mãos dos homens... e que mãos! Um dia fui empacotado e enviado para o American Bank Note Company. Fiquei orgulhosa com a notícia e qual não foi o meu espanto quando uma máquina barulhenta me carimbou nas costas e na frente o número vinte! Esperava valer um pouco mais do que isto... Era novinha em folha. Tinha em meu peito a figura de um velho cheio de medalhas e nas costas uma mulher vestida de armadura, sentada ao lado do mundo. Desde este dia, tornei-me o prisioneiro número 063052 da humanidade. O prisioneiro que nunca praticava crime algum. Desde este dia passei a viver escondido como um rato, até que me mandaram para o Brasil. Poucos dias depois, na Casa da moeda, um tipo de que até hoje não me posso esquecer, rabiscou uma assinatura em cima do velho cheio de medalhas. Senti um calafrio pelo corpo todo. Quiz gritar indignada, mas, não foi possível... bem mal sabia eu do destino que me esperava. Da Casa de Moedas, man-

daram-me para o Banco do Brasil e ali passei duas ou três semanas, não me lembro bem, até que pela primeira vez na vida, caí nas mãos de um indivíduo. Fui então colocada em uma carteira de couro ao lado de outras companheiras de maior valor. Vinte minutos depois, senti que me agarravam e me passavam para as mãos de um chauffeur. Este, ao me ver, exclamou: — "Novinha, hein!" e começou a olhar-me. Pensei que me admirava; entretanto, mais tarde, com a experiência da vida, concluí que aquilo não era nenhuma admiração, mas sim que ele apenas desconfiava de se eu era verdadeira ou falsa. Este chauffeur nem ao menos dobrou-me com geito. Amassou-me bruscamente e enfiou-me no bolso da calça. Oh! dia triste para mim... Andei de bolso em bolso, de mão em mão, como uma barata tonta, durante quase oito anos. Fiquei suja e poeirenta. Eram mãos de milionários, de pobres e de toda a espécie de doentes. O pobre me recebia com um sorriso ambicioso nos lábios. O rico olhava para mim com nojo e repugnância. Muitos pensam que eu sou a felicidade... dinheiro não é felicidade...

Eu ouvira aquela história, aquela triste história que o dinheiro acabara de contar-me, mas, apesar de seus conselhos, a minha decisão estava tomada.

— Olhe. Alí vem um homem. Eu lhe entregarei e você por sua livre vontade continuará a sofrer...

A suja e rasgada nota não me respondeu e entreguei-a ao desconhecido que me olhou com espanto.

— O senhor não quer mesmo?

— Não. Pode ficar. Não estou precisando mais...

Esperei que ambos desaparecessem e depois olhei novamente para o redemoinho. A roleta da vida continuava a girar. O meu desespero aumentava cada vez mais...

— Ao jogo senhores... jogo e mais jogo...

— Feito! — Berrei numa apoteose de loucura e me atirei n'água.

Perdi os sentidos e quando voltei a mim estava deitado numa cama limpa de um velho casebre...

— A nota de vinte cruzeiros! — Perguntei repentinamente ao desconhecido.

Ele procurou demoradamente e me respondeu com espanto.

— Meu caro amigo... a nota desapareceu!...



COMO É BELA NOSSA ILHA!

Luiz Henrique Batista